



A LUTA DA MULHER CONTRA A DISCRIMINACAO NO BRASIL

Isadora Caruso e Leticia Rocha

Jairo Oliveira de Castro e José Aparecido dos Santos Junior

Brazilian International School

Resumo

Esse projeto se trata de uma iniciação científica que aborda o tema feminicídio e suas diferentes vertentes, como a discriminação contra as mulheres em diferentes nichos. Além das pesquisas realizadas a respeito da violência contra a mulher no Brasil, contra a mulher negra e contra as mulheres trans, também foi realizada uma pesquisa de campo que nos permite ter uma noção mais abrangente com mais vertentes (não apenas a mulher negra e a mulher trans) e mais real do que realmente ocorre.

Palavras-chave: Mulheres 1. Discriminacao 2. Feminicídio 3. Violência 4. Pesquisa de Campo 5.

Introdução

A realização de pesquisas, há muito tempo, é um dos meios mais eficazes de obter-se informação atualmente, promovendo o conhecimento e assim permitindo que ocorram mudanças. Dentro do tópico “pesquisa” existem diferentes ramos, e nesse trabalho encontram-se duas delas: pesquisas bibliográficas e pesquisas de campo.

Esse é um trabalho que fala sobre a constante luta da mulher no Brasil (desde que isso começou), abordando assuntos como a discriminação, o feminicídio, a misoginia, etc. Julgamos o trabalho ser de extrema relevância pois tem tomado proporções muito grandes e ao invés de diminuir os números sempre estão crescendo (e a nossa pesquisa pode provar isso). Portanto cabe a nós falar sobre tal assunto de tamanha importância.

Objetivo

Com esse projeto, temos o intuito de ressaltar a importância desse assunto atualmente, tendo em vista que os números de discriminação contra a mulher no Brasil só aumenta. Consideramos ser um assunto relevante pois é uma realidade que muitas vezes parece ser distante mas está muito próxima e está sendo pouco falada. Essa pesquisa também visa trazer uma visão mais real a respeito da forma como a discriminação ocorre, de diferentes modos, em diferentes locais e com todas as mulheres, informações que geralmente não são faladas ou são colocadas debaixo do tapete. Com esse projeto queremos informar, com base em dados e relatos, a respeito do feminicídio e a discriminação da mulher no Brasil.

Metodologia

Este trabalho utiliza a metodologia exploratória e descritiva. Um dos principais documentos analisados foi o Dossiê de 2022 da Antra, além do uso adicional de outras reportagens. Como outro método de análise foi realizado pesquisas de campo em locais públicos de São Paulo (metrô, terminal de ônibus e parques). Visando uma forma ecológica de fazer essa pesquisa, foi elaborado um formulário online, que ao apontar a câmera do celular para um QR code a mulher era levada automaticamente para nosso formulário, onde tudo era respondido com completo anonimato, visando a segurança de todos os envolvidos.

Desenvolvimento

Mesmo em uma sociedade contemporânea, como a em que vivemos hoje, somos capazes de notar problemáticas que nos permeiam durante a história. Durante séculos as mulheres foram colocadas em uma posição onde a operação, discriminação e violência se tornaram coisas de seu cotidiano. Com o tempo isso se tornou comum e de certa forma “aceito” pela sociedade, uma vez que esse assunto não era discutido. Por meio de pesquisas e análises, mostramos a importância da discussão do assunto, não só em mérito social, mas também político, e seus efeitos como um todo.

Resultados e Discussões

“Matança de mulheres por homens porque são mulheres” - Diana Russell. O feminicídio e a violência contra mulher pode ser retratado como misoginia, sendo ódio ao feminino, ódio à mulher e opressão.

Segundo a professora e socióloga Lourdes Bandeira, o feminicídio representa a última etapa de um continuum de violência que leva à morte. Seu caráter violento evidencia a predominância de relações de gênero hierárquicas e desiguais.

É precedido por outros eventos tais como abusos físicos e psicológicos, que tentam submeter as mulheres a uma lógica de dominação e a um padrão cultural de subordinação que foi aprendido ao longo das gerações.

A lei 13.104/15, Lei do Feminicídio, alterou o Código Penal brasileiro, sendo incluído o feminicídio como um dos qualificadores para o crime de homicídio. Desde 2015, o feminicídio está no código penal brasileiro. "crime cometido contra a mulher por razões das condições do sexo feminino". Uma aversão a mulher e ao 'feminino'.

O Brasil está no ranking de países que são mais difíceis de viver como mulher. Estando em quinto lugar dos países onde mais existe violência contra mulher.

Essa violência é a prática cotidiana que vem enraizada dentro da nossa sociedade.

Dados revelam que, somente em 2017, ocorreram mais de 60 mil estupros no Brasil, entretanto esse número é maior pois tais dados não se estendem a mulheres trans, ou seja esse

número só aumenta. Além disso, a nossa sociedade ainda aceita a discriminação contra mulher sentindo ela na prática, expressada ou velada, da misoginia e machismo. Com isso causa a objetificação da mulher, o que resulta, em casos mais graves, de abuso.

Além de tudo isso, existe também o MEDO da vingança do agressor. "Ela sofre violência, e não fala nada por medo de sofrer mais." diz Alice Bianchini. As mulheres que tentam sair do relacionamento têm uma tendência de sofrer mais, serem mais abusadas. "Uma morte pelo fato de ser mulher é o maior absurdo do mundo" completa a mesma.

Quanto mais desigualdade de gênero, mais violência de gênero.

É extremamente triste ver como na própria sala de aula em que estudamos todas as mulheres já sofreram algum tipo de assédio e se a nossa pesquisa de campo fosse interna (na escola apenas) iríamos coletar diversos relatos de abusos. Isso nos mostra como o assédio não depende da idade. A nossa pesquisa de campo (nas ruas) tem como maior objetivo mostrar como o assédio é independente não só de idade mas também de classe social, de raça, de religião. Muito se fala da violência contra mulher, mas pouco se pergunta para a mulher sobre a violência que ela sofre.



Mulheres negras no Brasil:

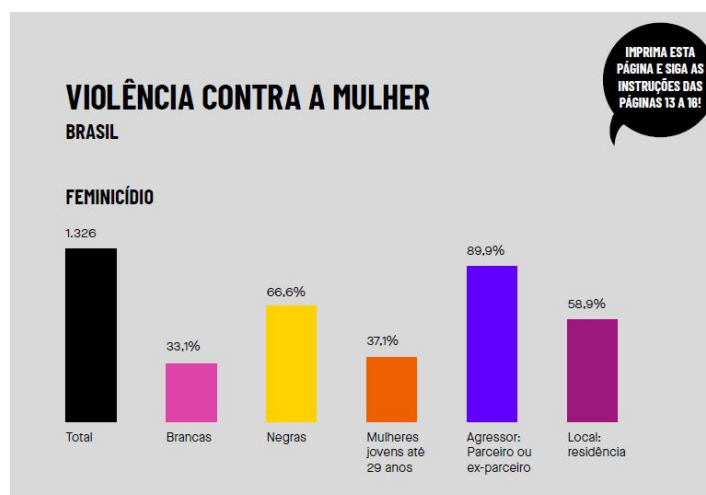
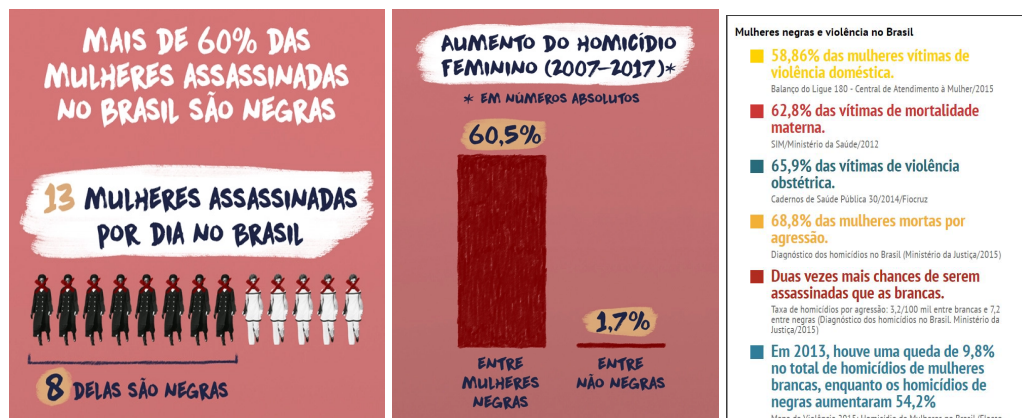
Dentro do tópico, existem alguns grupos minoritários, por exemplo mulheres negras. Esse grupo minoritário se dá como consequência da pirâmide social brasileira, que é formada essencialmente pelo homem branco, mulher branca, homem negro e por último mulher negra (isso sem falar da comunidade trans).

É impossível tratar das dificuldades que as mulheres negras enfrentam no seu dia a dia sem falar da história do Brasil. A nossa sociedade foi formada na base da opressão, desumanização e exploração de pessoas negras como mão de obra escrava e por mais que houve uma libertação por meio da assinatura da Lei Áurea os seus direitos continuaram a ser negados.

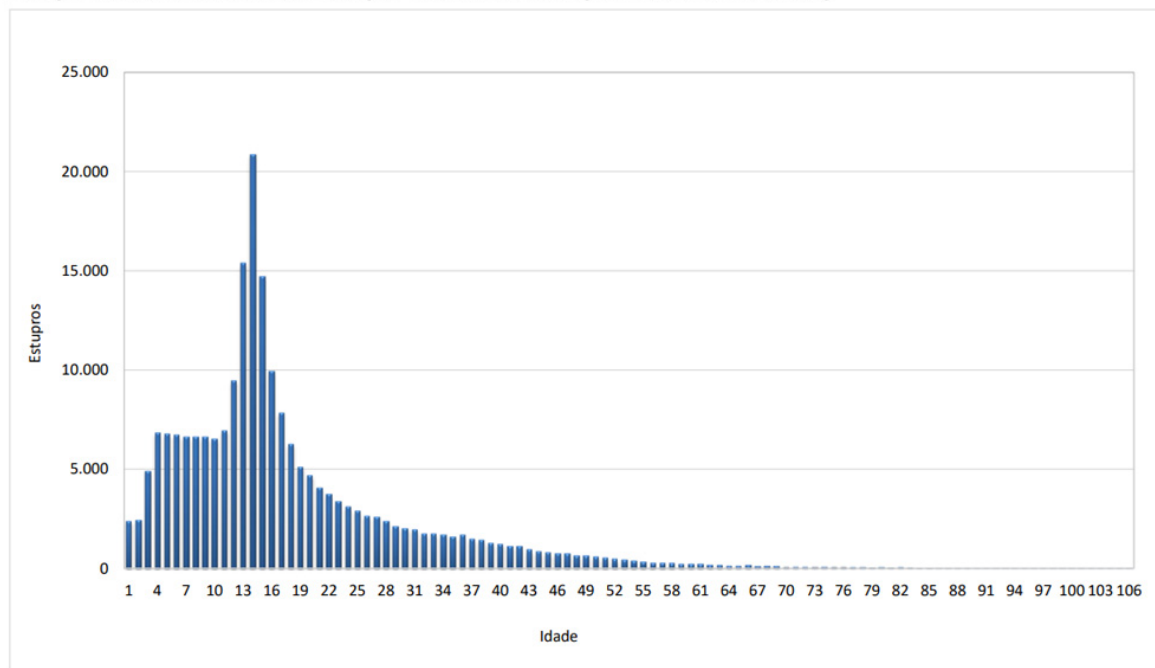
A ocupação das mulheres negras no trabalho também é um dos reflexos da nossa história. Segundo uma reportagem publicada por Letícia Vidica na CNN Brasil, em julho deste ano, hoje temos que 65% das trabalhadoras domésticas do Brasil são negras. Tais trabalhos que tem como objetivo de servir e cuidar do outro (como domésticas, cozinheiras, lavadeiras e costureiras) vem dessa herança escravocrata, uma vez que as mulheres negras são a maioria trabalhadora neles.

Nos últimos 10 anos, houve um aumento de 30% no número de mulheres assassinadas, dentre esse número 66% dessas mulheres eram negras. Entre os anos de 2000 a 2020 houve um aumento de 45% de assassinatos de mulheres negras no Brasil. Em 2020, 228 mil mulheres foram vítimas de violência. Sendo 56% dos casos violência física, 15% sexual e 2% patrimonial. Em relação aos feminicídios, houve um aumento de 2% nos casos de mulheres brancas mortas pelos seus maridos/namorados/companheiros, contra as negras aumentaram mais de 30%.

Esses dados nos mostram que o Brasil não é capaz de desenvolver políticas públicas específicas para o combate à violência de mulheres que sofrem as consequências do racismo e machismo estrutural. É importante ressaltar que mesmo essa luta englobando todos grupos de mulheres é preciso ser levado em consideração as diferentes necessidades de cada grupo, pois ter políticas voltadas somente a uma parte do grupo, também não é solução plausível, como diz Sueli Carneiro. “Apesar de contarmos com políticas públicas voltadas para o enfrentamento à violência doméstica, os índices demonstram seu reduzido alcance para atuar na proteção e direito à vida das mulheres negras. O recrudescimento do racismo, do conservadorismo e do machismo são elementos que impactam negativamente na vida das mulheres,”



Estupros de acordo com o Sinan, por idade da vítima (dados de 2009 a 2019)



Fonte: Sinan/Dasis/SVS/Ministério da Saúde. Elaboração dos autores.

O Brasil apresenta cerca de 822 mil casos de estupro a cada ano, aproximadamente dois por minuto.

Mulheres trans no Brasil:

“A discriminação com as pessoas trans é maior do que com os gays. Os preconceitos relacionados às pessoas trans estão relacionados com a desumanização, fetichização e objetificação. Existem pessoas que não se aproximam da gente, não falam com a gente, agem de formas diferentes. Às vezes, existe respeito, mas percebemos um preconceito de maneira velada”, diz Viviane Correa, mulher transexual, técnica administrativa da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo).

Mas mesmo com toda essa discriminação e preconceito existe um passado histórico conhecido por poucos. Um dos jeitos mais comuns utilizados pela nossa sociedade para discriminar e menosprezar o valor das mulheres trans é usar do discurso “Na minha época não existia isso...” e se manter firmemente nele, na maioria das vezes por pura ignorância. Com tudo, o primeiro registro de uma mulher trans no Brasil é de 1591. Xica Manicongo. Trazida e sequestrada do Congo, mulher negra, escravizada em Salvador, Bahia. Segundo documentos oficiais, arquivados em Portugal, Xica trabalhou como sapateira, se recusava a usar roupas predestinadas como masculinas ou a ter atitudes predestinadas para tal.

Por conta disso, sua resistência e força, levando em consideração o cenário da época, foi visto como um ato de sodomia. Além de ser acusada de participar de “uma quadrilha de feiticeiros sodomitas” e membro da “quimbanda”, Xica foi condenada a ser queimada viva e ter seus descendentes desonrados até a terceira geração, então para fugir de sua pena decidiu viver o resto de sua vida como um homem. *Se abstendo de sua verdadeira identidade.* Xica teve seus

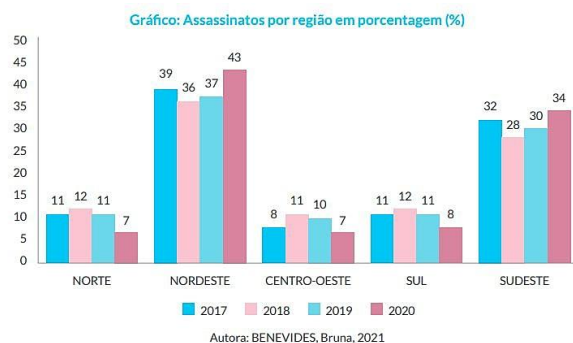
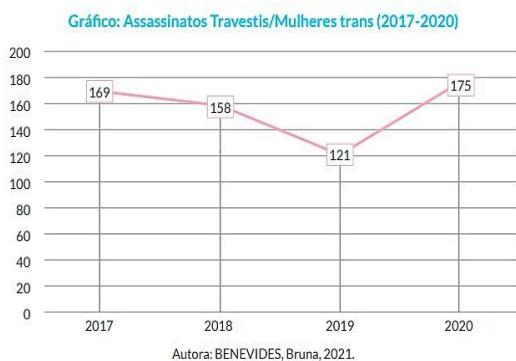
direitos completamente ignorados, e durante muitos séculos a sua chance de ser lembrada foi jogada no lixo uma vez que a história a retratava como Francisco.

Somente com o movimento atual de pessoas trans e travestis foi possível o reconhecimento de Xica. Graças a Erika Hilton (PSOL), primeira mulher a ocupar uma cadeira na câmara dos deputados de São Paulo, um projeto de lei na nomeação de uma rua no Grajaú, SP, homenageando Xica Manicongo (566/2021) foi aprovada em 2022. Assim, realmente consolidando Xica como um símbolo na luta das mulheres trans e travestis e finalmente ganhando seu direito à memória.

Essa homenagem a é um exemplo das vitórias dentro dessa luta, que apesar de dolorida e muito longa ainda se mostra longe de um fim. O Brasil vem se destacando ano após ano como um dos maiores países com disseminação de ódio do mundo, onde diversas vezes se destacou por cometer violações perante os direitos humanos. Mesmo com a transfobia se tornando um crime no Brasil em 2019, de acordo com a Lei 128/23, o Brasil segue sendo o país que mais mata mulheres trans há 14 anos consecutivos, de acordo com uma pesquisa divulgada pelo Uol.

Desde 2017 a ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais, vem desenvolvendo um documento de pesquisa que visa ajudar essa minoria, a fim de informar as pessoas sobre esse índice de violência crescente, assim tentando promover mudanças. No dossiê entregue ao Ministro de Direitos Humanos, Silvinho Almeida, de 2022, aborda detalhadamente o perfil das vítimas, dos crimes, brutalidade, motivação e local. Além disso, traz um “mapeamento” dos locais mais perigosos da cidade para pessoas trans, lugares onde havia tido ocorrências de crimes de ódio, agressão ou até mesmo assassinatos.

Falando sobre o perfil das vítimas, foi analisado que 90% tinham entre 15 a 40 anos. Em relação à escolaridade, somente 48% das mulheres trans e 39% das travestis concluíram o ensino médio e quando falamos de ensino superior esses números são ainda mais baixos, indo para 7% e 9% respectivamente. Isso acaba sendo um reflexo para a grande parte das mulheres trans e travestis e em situação de pobreza que acabam se voltando a prostituição como fonte de renda, uma vez que são excluídas da sociedade e ficam muitas vezes sem outra saída aparente para se sustentarem. O fator racismo também se torna extremamente presente uma vez que 76% das vítimas eram negras e 24% brancas. A maior parte desses crimes acontecem em lugares públicos, em ruas desertas e de noite tendo como principais meios mortes extremamente violentas como o espancamento, estrangulamento, facadas ou morte a tiros.

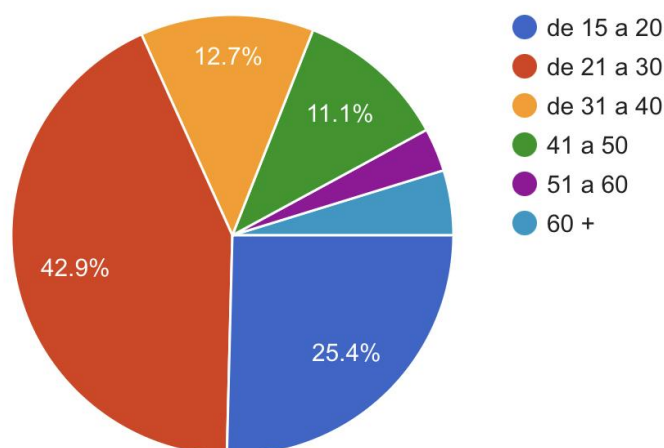


Analisando brevemente os gráficos acima presentes no dossiê, é possível ver claramente a discrepância nos números de assassinatos das mulheres trans no passar dos 4 anos tabelados. Há uma pequena queda nos primeiros 3 anos da pesquisa, contudo podemos ver que em 2020 com a vinda da pandemia do COVID-19 os números voltaram a subir, ultrapassando os números de 2017, o primeiro ano da pesquisa. Uma das hipóteses para isso seria o fato de que grande parte das dessas mulheres naturalmente estão em situações vulneráveis, uma vez que o mundo está “trancado” cada um em sua casa tomando suas próprias precauções em virtude de sua saúde, essas mulheres estão ainda mais por sua própria conta, e ainda mais vulneráveis. Se tornando, infelizmente, alvos mais “fáceis”.

Dados Tabelados (pesquisa de campo):

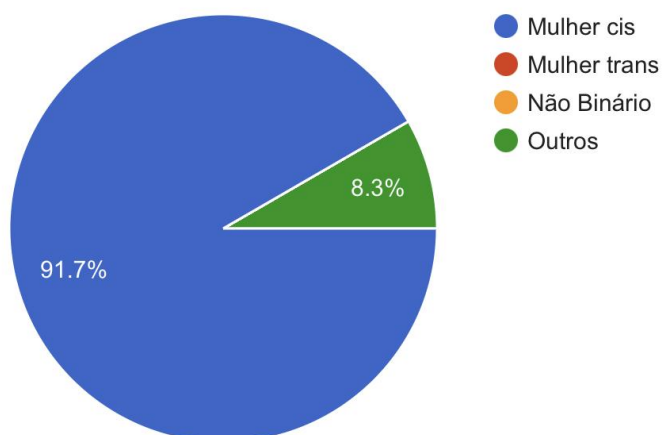
A fim de aprimorar o nosso texto e pesquisa teórica foi realizada uma pesquisa de campo. Montamos um formulário com 15 perguntas pessoais para que mulheres apenas respondam, mostrando de forma real que tudo que foi apresentado em texto e teoria realmente é uma realidade. Foram dois dias de pesquisa, um no terminal Tatuapé e outro no parque Ibirapuera, fazendo-se possível ter uma diferença maior de quem respondeu o questionário. Obtivemos 63 respostas e as perguntas eram respectivamente:

- **Qual é a sua idade?**



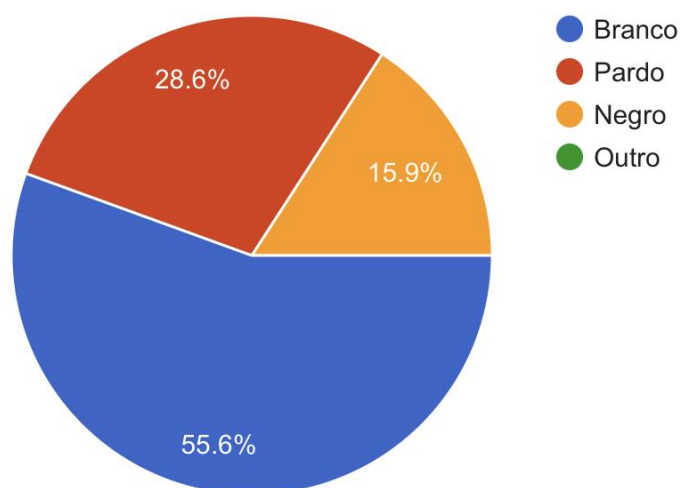
Das 63 pessoas entrevistadas 42.9% corresponde a 27 pessoas de 21 a 30 anos; 25.4% corresponde a 16 pessoas de 15 a 20 anos; 12.7% corresponde a 8 pessoas de 31 a 40 anos; 11.1% corresponde a 7 pessoas de 41 a 50 anos; 4.8% corresponde a 3 pessoas com mais de 60 anos e 3.2% corresponde a 2 pessoas de 51 a 60 anos. Notamos assim que mais da metade das pessoas que responderam eram jovens (tendo entre 15 e 30 anos)

- Qual é o seu gênero?



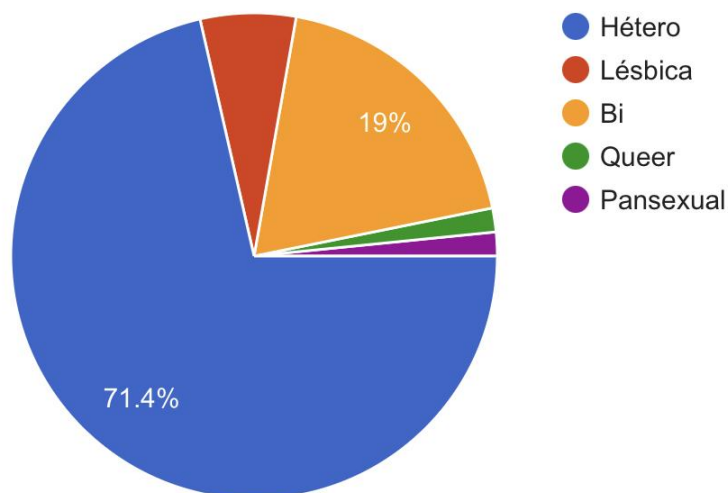
Nesta pergunta tivemos 3 respostas a menos que no resto, 60 respostas sendo que 91.7% das mulheres que responderam corresponde a 55 mulheres cis e 8.3% corresponde a 5 “outros”.

- Qual a sua etnia?



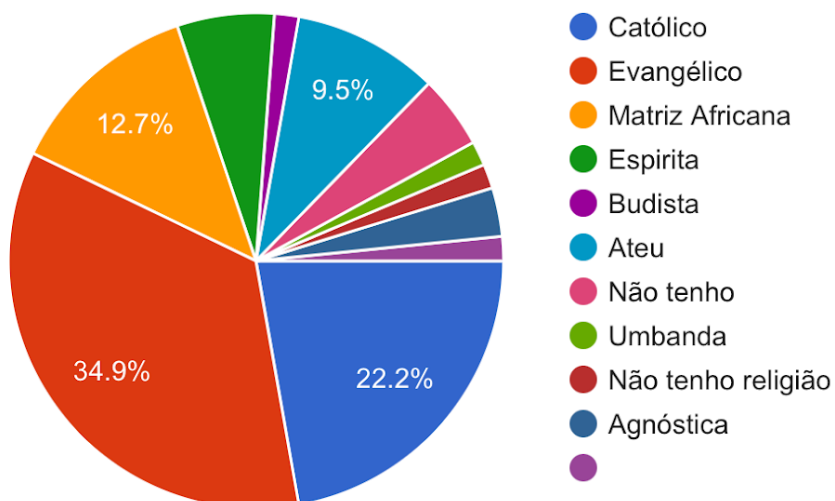
Aqui tivemos 63 respostas onde mais da metade são mulheres brancas, apesar de ter um percentual alto de mulheres pardas também. 55.6% correspondendo a 35 mulheres brancas; 28.6% correspondendo a 18 mulheres pardas e 15.9% correspondendo a 10 mulheres negras.

- Qual a sua sexualidade?



Aqui é possível observar que apesar da grande maioria serem mulheres hetero, existe uma certa diversidade nas respostas (por mais baixos que sejam esses números). Vemos que 71.4% equivale a 45 mulheres hétero (mais da metade); 19% equivale a 12 mulheres bissexuais; 6.3% equivale a 4 mulheres lésbicas; 1.6% equivale a 1 mulher queer e outro 1.6% a mulher pansexual.

- Qual a sua religião?



Nessa pergunta podemos perceber que apesar de algumas religiões se destacarem mais, existe uma certa variedade de respostas, o que torna a nossa pesquisa mais interessante. Das 63

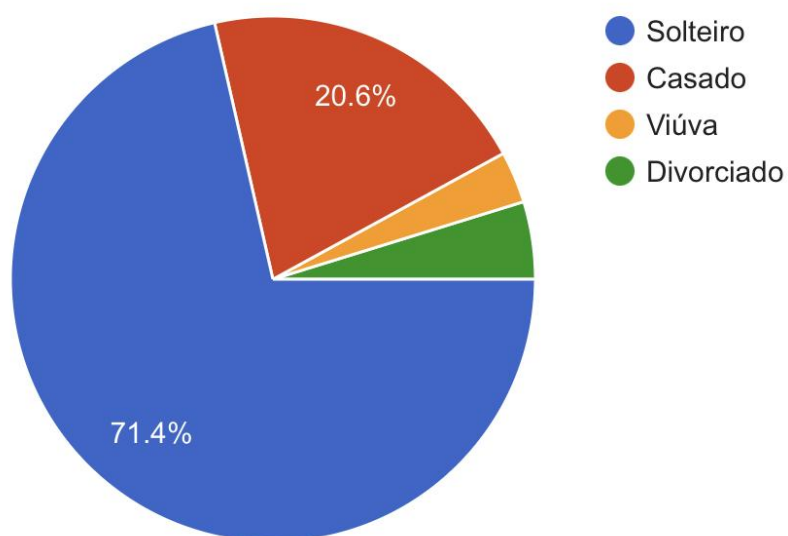
respostas 34.9% corresponde a 22 mulheres evangélicas e 22.2% corresponde a 14 mulheres católicas (assim sendo 36 mulheres de denominações cristãs); 12.7% corresponde a 8 mulheres de matriz africana; 9.5% corresponde a seis mulheres atéias; 6.3% corresponde a 4 mulheres espíritas; 4.8% corresponde a 3 mulheres que não possuem nenhuma denominação religiosa; 3.2% corresponde a 2 mulheres agnósticas; 1.6% corresponde a uma mulher budista; 1.6% corresponde a uma mulher umbandista e temos a resposta do “outros” que foram 1.6% sendo uma mulher que escreveu não ter religião e mais uma que não teve resposta (bolinha roxa na legenda do gráfico sem texto aparente).

- **Que profissão exerce?**

Essa pergunta era dissertativa então segue abaixo os resultados de profissão e número de pessoas:

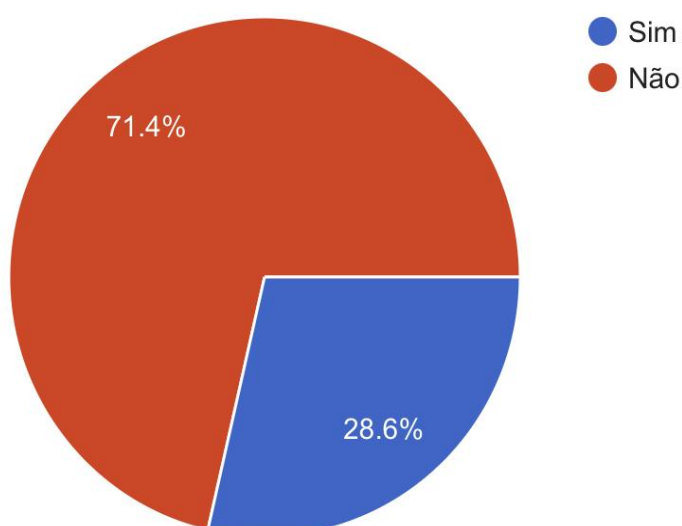
Estudante (5)	Dentista (1)
Publicitária (2)	Cuidadora de idosos (1)
Enfermeira (2)	Diretora comercial (1)
Química (2)	Balconista (1)
Atendente (2)	Fotógrafa (2)
Analista Financeira (1)	Auxiliar de administração (2)
Empresária administrativa (1)	Bióloga (1)
Consultora on-line (1)	Odontologia (1)
Consultora (1)	Atendente de restaurante (1)
Esteticista (1)	Mãe (1)
Autônoma (1)	Supervisora (1)
Farmacêutica (1)	Professora (1)
Bailarina (1)	Advogada (1)
Empregada/doméstica/diarista/dol	Jovem aprendiz na decathlon (1)
lar (3)	Vendedora (1)
Modista (1)	Supervisora de limpeza (1)
Escritora (1)	Auxiliar de cozinha (1)
Auxiliar de produção (1)	Assistente de distribuição (1)
Arquitetura (1)	Operadora de telemarketing (1)
Análise de sistemas (1)	Análise de testes (1)
Técnica laboratorial (1)	Cozinheira (1)
Recepcionista (1)	Contabilidade (1)
Promotora (1)	Fisioterapeuta (1)
Coordenadora de treinamento (1)	Atendente de pizza (1)
Pecuarista (1)	Design gráfico (1)

- **Qual o seu estado civil?**



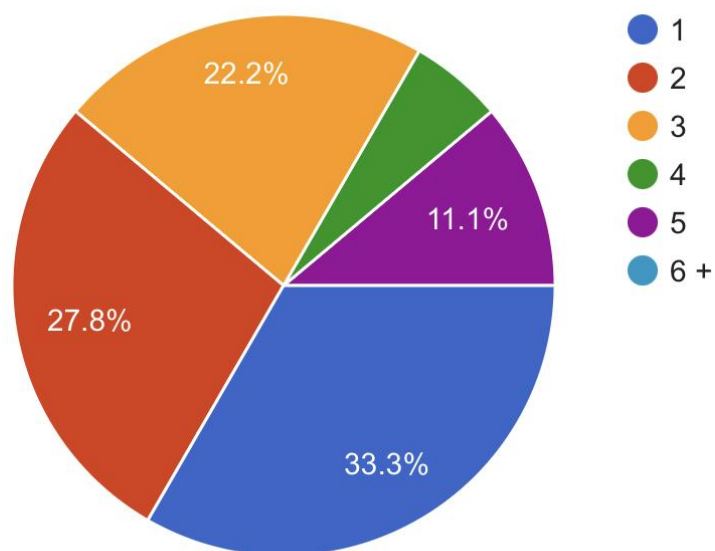
Aqui temos que a grande maioria é solteira, sendo 71.4% correspondendo a 45 mulheres solteiras; 20.6% correspondendo a 13 mulheres casadas; 4.8% correspondendo a 4 mulheres divorciadas e 3.2% correspondendo a 3 mulheres viúvas.

- **Possui filhos?**



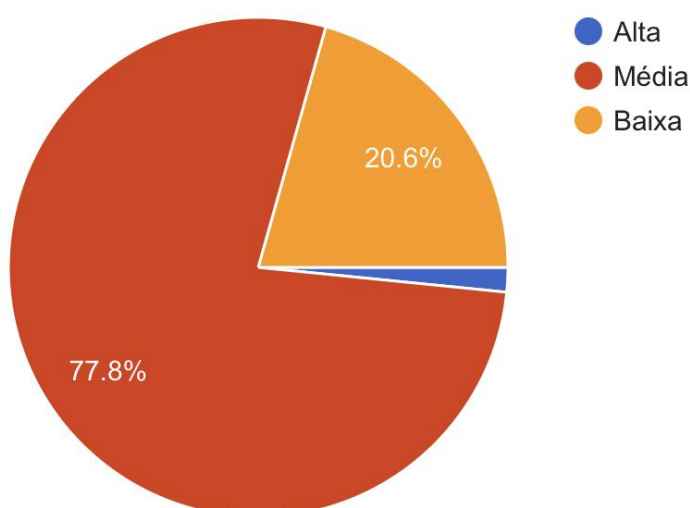
Aqui podemos observar que 71.4% (equivalente a 45 mulheres) não possui filhos enquanto 28.6 (equivalente a 18 mulheres) possui filhos

- Se a resposta acima for sim, quantos?



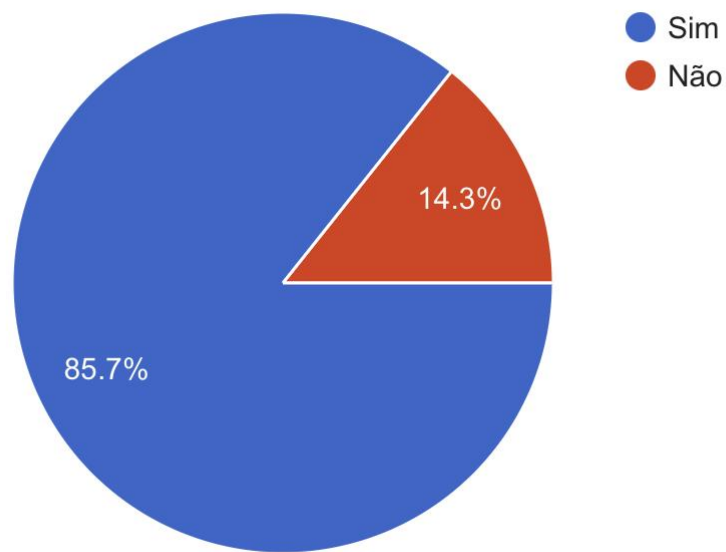
Dessas 18 mulheres, 33.3% (6 pessoas) possuem 1 filho; 27.8% (5 pessoas) possuem 2 filhos; 22.2% (4 pessoas) possuem 3 filhos; 11.1% (2 pessoas) possuem 5 filhos e 5.6% (1 pessoa) possui 4 filhos.

- Faz parte de qual classe social?



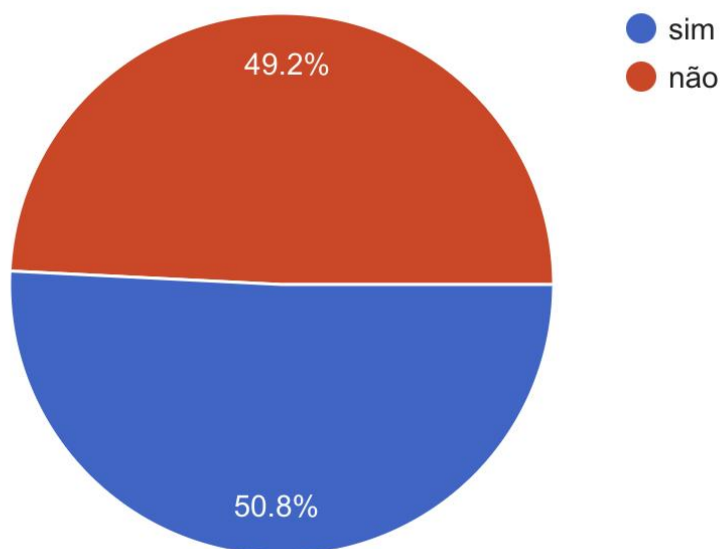
77.8% fazem parte da classe média, isso corresponde a 14 mulheres; 20.6% fazem parte da classe baixa, que corresponde a 4 mulheres e 1.6% faz parte da classe alta, equivalente a uma única pessoa.

- **Já foi vítima de assédio na rua? (verbal ou físico)**



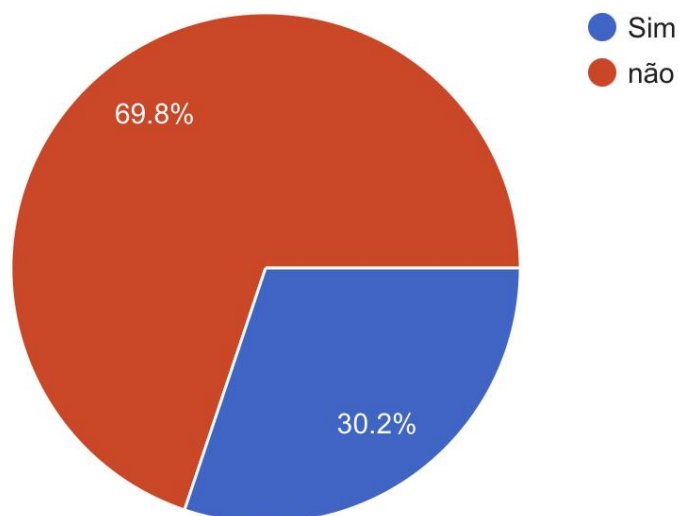
Esse gráfico é muito interessante, pois nos mostra que o número de mulheres que já sofreu assédio na rua é muito alto, sendo 85.7% (54 mulheres de 63 respostas).

- **Já foi vítima de assédio em ambiente de trabalho?**



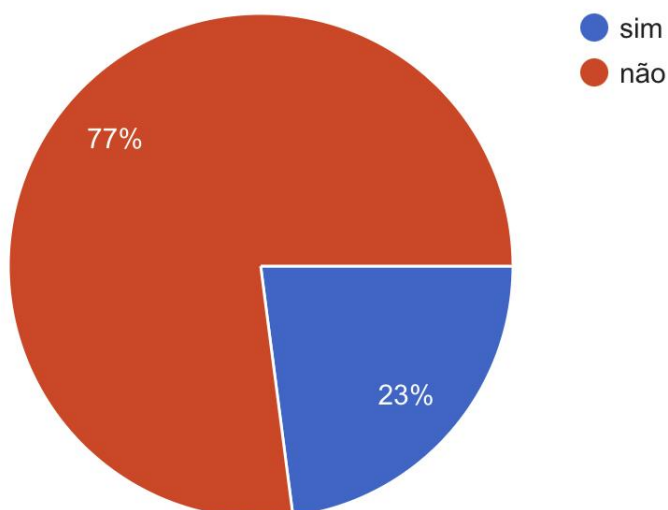
Em ambiente de trabalho os números não são tão absurdos mas a maioria respondeu que sim, já foram vítimas de assédio neste contexto. 50.8% (equivalente a 32 pessoas) respondeu que sim, enquanto 49.2% (equivalente a 31 pessoas) respondeu que não.

- **Já foi vítima de assédio ou violentada em casa?**



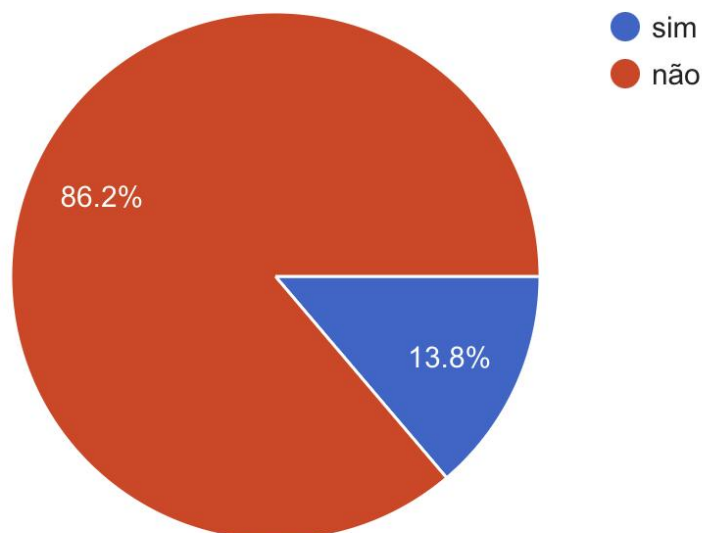
Aqui, por incrível que parece, temos um número maior de mulheres que não foram violentadas ou vítimas de assédio em casa. Sendo 69.8% correspondente a 44 mulheres que NÃO foram violentadas e 30.2% correspondente a 19 mulheres que foram. Por mais que a maioria das mulheres não tenham sofrido violência nesse contexto, não podemos dizer que está tudo bem, pois em uma pequena pesquisa de campo (de apenas 63 pessoas) temos 19 que sofreram esse tipo de assédio.

- **Já recorreu a ajuda/ fez denuncia?**



Aqui tivemos 61 respostas, sendo que 77% (equivalente a 47 mulheres) não recorreram a ajuda e apenas 23% (equivalente a 14 mulheres) recorreram à ajuda.

- **Se fez denúncia, foi acolhida e atendida devidamente?**



Tendo em vista que 29 pessoas acataram essa pergunta vemos que 13.8% (4 pessoas apenas) foram devidamente atendidas ao recorrer ajuda enquanto 86.2% dessas 29 mulheres (25 delas) não obteve bom atendimento, ajuda eficiente e acolhimento devido o que nos mostra quão importante é esse assunto que por mais falado que seja não é levado com a importância que deveria ter, esse gráfico nos prova na prática a relevância do assunto atualmente.

- **Pode nos dar um relato breve do que ocorreu? (nenhum nome será exposto, essa pesquisa é 100% anônima)**

RELATOS DE VIOLÊNCIA:

“Sempre sofri muito assédio por ser uma garota dentro do padrão de beleza e "com corpo", posso contar diversas histórias mas ficaria grande até por demais, porém sinto que pelo fato de ser mulher todos meus amigos homens tentam em algum momento ficar comigo, os homens mexem na rua e olham como se fosse um pedaço de carne. Tenho uma história em específico que me marcou muito! Eu trabalhava como atendente de telemarketing na Natura (sim, a tão desconstruída e cheias de projetos!) E na época estava saindo com uma menina que inclusive foi rebaixada de cargo pela misoginia, pois falaram que ela só poderia ser gerente caso utilizasse sutiã e roupas "apropriadas", mas a história não é essa! Pois bem, estava na frente da empresa com alguns amigos quando chegou um dos gerentes bêbado e disse que caso eu quisesse subir de cargo ou até mesmo não ser demitida teria que dar para ele, tentou me beijar a força e ficou invalidando minha sexualidade. Eu tinha provas e testemunhas, fui até o RH deles e só me informaram que eu deveria ter mais discrição e tomar cuidado com as pessoas que ando! Esse homem me atormentou até a menina a qual eu ficava descobrir e ameaça-lo e a empresa nada fez. Essa é uma das diversas histórias que tive trabalhando nesse lugar, acredite, a Natura só é linda no comercial”

“Tive um namorado que ao passar de um ano quem que resolvi morar com ele, em crises de ciúmes me cercava me apavora, me ameaçava e cheguei a ser agredida por 3 vezes. Uma das vezes estava na rua e eu pedindo socorro, uma mulher saiu para guardar o carro e falou alto: para de frescura e disse que merecia sem nem ao menos me conhecer, isso machucou na alma e levei horas até me safar dele. Hoje estou livre disso! Mas espero que as mulheres se ajudem mais no futuro.”

“Sendo Mulher, Sempre ouvi dentro de casa que tinha que aprender a lavar, passar e cozinhar, para quando tivesse uma família, saber ser "Dona de casa", tendo uma família "das antigas", era obrigada a fazer serviço de casa e se não apanhava e era xingada... Com um irmão mais velho, machista, misógino, homofóbico e agressivo, era oprimida de todas as formas possíveis que me fez querer sair de casa o mais cedo possível...”

“Fui assediada no transporte público quando eu era mais nova, tinha por volta de uns 13 anos , estava eu e uma colega indo pra casa dela e o ônibus estava muito cheio e ficou um homem roçando em mim, infelizmente eu me calei , por que fiquei com medo de ele fazer algo , ou mentir e falar que eu estava errada , hoje me sinto mal por não ter denunciado . Mais espero ter ajudado”

“Quando fui assediada pelo chefe denunciei na empresa que é de grande porte. Me falaram que não daria em nada pois ninguém me acreditaria. Foi triste e traumatizante. Em seguida fiquei bem doente . Perdi o emprego e o resto foi um estrago total. Hoje já superei mas quando lembro ainda dói.”

“Por 8 anos fiquei em um relacionamento abusivo, meu ex companheiro fazia diversas agressões físicas e verbais. Procurei a polícia por diversas vezes, mas nunca fui devidamente ajudada. O maior apoio que recebi foram dos meus amigos e familiares e isso fez toda a diferença.”

“Falas abusivas com segundas intenções relacionado ao meu trabalho, durante a execução de uma massagem. Eu somente pedi que o mesmo se retirasse da sala de atendimento.”

“Um morador do meu prédio bateu na mulher dentro do carro em frente ao prédio, chamei a polícia, eles vieram mas não fizeram a abordagem correta e ambos foram liberados”

“Estava em casa e eu e meu padrasto discutimos e ele veio pra cima de mim para me bater... E a outra eu estava na rua ele começou a me xingar de vários palavrões”

“Já aconteceu inúmeras vezes de receber cantadas, palavras de baixo calão, insinuações, gritos, buzinas e constrangimento na rua andando.”

“Aconteceu na rua voltando do trabalho, um homem tentou se aproximar de mim, mas eu percebi as intenções e nada aconteceu.

“Já passaram a mão em mim no ônibus. Uma vez eu estava chupando um geladinho na rua é um cara gritou, vem chupar aqui”

“Trabalho com depilação a laser, e um cliente se masturbou, alegando que seria melhor para fazer o procedimento”

“Passei abuso dentro de casa pelo meu padrasto, recorri a minha mãe mas não obtive ajuda”

“Não denunciei mas fui drogada e coagida a fazer sexo depois de dizer não várias vezes”

“Meu marido chegava bêbado e ficava me chinga mudando de palavrões de baixo escalão”

“Já sofri importunação e assédio sexual na rua, em transporte público e no trabalho.”

“Passaram a mão em mim no metrô enquanto voltava do trabalho”

“Sofri um assédio de um chefe de departamento do metrô”

“Meu ex marido tentou me matar e eu o denunciei.”

“Assédio verbal, do tipo "oh lá em casa hein".”

“Sofri assédio na rua por causa do meu corpo.”

“Um médico me assediou durante uma consulta”

“Abuso sexual infantil, na família”

“Assobios e "elogios" na rua”

“Homem masturbando na rua”

“Agressão ex namorado”

“Brigas com empurrões”

“Cantada na rua...”

“Chefe dar mole”

Considerações Finais

Por meio da análise das pesquisas citadas, e os dados coletados durante a pesquisa de campo, foi possível concluir que de fato a discriminação e violência contra a mulher no Brasil segue sendo a realidade para a grande maioria feminina. Além disso, a desinformação e falta de engajamento tanto social quanto político ao falar sobre o assunto continua extremamente presente em nossa sociedade, mesmo sendo um assunto de extrema relevância.

Com uma breve análise histórica-social, fica claro que apesar da luta das mulheres ter alcançado muito, ainda há mais há se conquistar. Esse fator está intrinsecamente relacionado ao fato dessa luta englobar uma pluralidade de minorias. As citadas e analisadas a priori no texto, mulheres negras e mulheres trans são a maior prova disso. Quando temos grupos com características distintas é necessário que suas diferentes necessidades sejam respeitadas, assim possibilitando a criação de políticas a todas. Quando a criação de políticas esta voltada apenas para mulheres cis, brancas, de classe (média) alta, como acontece hoje, o problema não é resolvido para todas, isso fica comprovado com os dados de violência e mortes, também apresentados anteriormente.

Como método final de enriquecimento de nossa análise teórica, foi realizada uma pesquisa de campo. O formulário era composto por 15 perguntas pessoais e um depoimento opcional. Com os resultados obtidos pudemos ver que mesmo tendo apenas 63 mulheres no total, 54 delas responderam que já foram vítimas de assédio físico ou verbal na rua. Dentre elas, 47 não recorreram a ajuda ou fizeram denúncia, assim mesmo em pequena escala, representando a realidade que ainda se encontra na sociedade. Quando paramos para analisar os depoimentos o mesmo se aplica. Os relatos coletados contam com diversos casos de agressões, abusos e assédios, tanto verbais quanto físicos. Sendo eles em âmbito público, profissional ou até mesmo familiar. Infelizmente em sua maioria, esses relatos são comuns entre mulheres, tendo acontecido muitas vezes com elas mesmas ou com amigas e parentes próximas.

Em conclusão se torna evidente a necessidade de uma mudança, tanto de um âmbito político quanto social, em prol de um fim às discriminações, mortes, abusos, agressões e violência de modo geral contra as mulheres. Debates, palestras, rodas de conversas, tudo aquilo que leva e gera informação a outros se tornam indispensáveis. A criação de políticas específicas de acordo com as diversidades minoritárias, são essenciais, e a justiça, perante aqueles que as desrespeitarem, devem de uma vez por todas tomarem as devidas providências. Para que as coisas mudem, as mulheres têm de lutar por seus direitos. Seus, e por daquelas que não tem mais voz para lutar.

“ As rosas da resistência nascem do asfalto. A gente recebe rosas, mas vamos estar com o punho cerrado falando de nossa existência contra os mandos e desmandos que afetam nossas vidas.” - Marielle Franco, março de 2018.

Referências Bibliográficas

Dossiê:

BENEVIDES, Bruna. Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. Antra, 2022.

Reportagens online:

VIDICA, Leticia. O que é ser mulher no Brasil? Vamos falar sobre isso! CNN Brasil. 2023.

Disponível em: <https://tamojuntas.org.br/a-invisibilidade-social-da-mulher-negra/>
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/o-que-e-ser-mulher-negra-no-brasil-vamos-falar-sobre-isso/>

Quem foi Xica Manicongo, considerada primeira travesti brasileira. Casa um. 2022

Disponível em: <https://www.casaum.org/quem-foi-xica-manicongo-considerada-primeira-travesti-brasileira/>

HELIODORO, Giovanna. Você conhece a história de Xica Manicongo? BuzzFeed. 2021.

Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/voce-conhece-a-historia-de-xica-manicongo>

FENIZOLA, Luisa. Falas de Marielle: Um caso de Amor e Compromisso com a Justiça e a Favela #2AnosSemMarielle

Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=45559>